

Engenhos, Casas de farinha, Olarias e Curtumes: economia doméstica e comércio incipiente no Cariri colonial.

Antonio José de Oliveira¹ - URCA

Quando se estuda a importância da grande lavoura no período colonial do Brasil, esporadicamente se estuda no interior dela a existência das atividades de subsistência. Paralelamente à cana de açúcar, desenvolveram-se inúmeros segmentos produtivos, que tiveram importante participação na estruturação econômica das populações envolvidas na grande monocultura canavieira. O fumo, o café, a mandioca, a pecuária e outras culturas foram coadjuvantes do grande sucesso da produção açucareira no período colonial.

Nas diferentes regiões da colônia, a extração desses produtos teve seu grau de menor ou maior importância. No Nordeste (principalmente nos sertões), a pecuária predominou como principal atividade econômica e à sua volta giraram algumas dessas atividades.

No interior, a pecuária não se tornou apenas mera economia complementar como o foi para o litoral canavieiro. Graças à expressiva produção, gravitavam em seu eixo muitas atividades de subsistência. Pequenas lavouras de milho, feijão, mandioca além de outras, foram importantes para suprir as necessidades básicas das pequenas famílias envolvidas na pecuária.

Caio Prado Júnior afirma que esse tipo de produção familiar geralmente existia nos domínios das grandes lavouras, sobretudo “*nos engenhos e fazendas*”². Sendo “autônomos” os que praticavam essa atividade, habitavam as próprias dependências dessas unidades produtivas. Por ser um sistema fora da grande linha de produção, nela, segundo o autor, “*forma-se um tipo de exploração rural diferente*”.

As atividades de subsistência, acopladas à maior, articularam, segundo Caio Prado, um tipo de organização sócio-econômica diversa. Na discussão do autor, essa diferença está nas pequenas unidades de produção, onde o proprietário trabalha em sua propriedade auxiliado *“por um pequeno número de trabalhadores ou de sua própria família, raramente algum escravo”*³.

Apesar de ser a maior atividade econômica do interior, a pecuária não conseguia dar sustentabilidade às pequenas atividades que a circundavam. Essencialmente rural, a população vivia dispersa em imensas fazendas. Os pequenos povoados que surgiram ao longo dos caminhos, através dos pousos e feiras, não conseguiram ter fôlego o bastante para se tornarem economicamente fortes. Apesar das adversidades climáticas, ainda assim as populações que surgiram com os caminhos do gado foram capazes de se desenvolver.

Por ser uma atividade que dependia de muitas terras, a pecuária agregou trabalhadores livres e escravos, que, para complementar sua alimentação, praticavam a agricultura de subsistência e a manufatura dos derivados da economia pecuária. O beneficiamento do couro e o charque fizeram surgir os primeiros indícios da economia rudimentar e da pequena indústria rural doméstica nos sertões nordestinos.

Segundo Sylvia Porto Alegre, *“semelhante à pequena agricultura de subsistência, a indústria rural doméstica logo desenvolveu-se pelos interiores”*. A autora prossegue discutindo a origem da economia doméstica no sertão e distingue nela três setores diferenciados:

“(...) o primeiro setor era composto por equipamentos básicos como engenhos de rapadura e mel, as casas de farinha, os curtumes e as olarias, que formavam a infraestrutura da vida material. O segundo era constituído pela fabricação de artigos e objetos de uso diário, como louças, velas, sabão, ferraria, mobiliário utensílios domésticos. O terceiro

setor era constituído pelas manufaturas, compreendendo a fiação e tecelagem de panos e confecções de rendas, bordados e labirintos”⁴

Pode-se afirmar que o Cariri abrigava esses três setores: os engenhos surgiram como indústria doméstica e foram os primeiros a dominar a paisagem econômica e estruturar a vida material dos habitantes da localidade. Quanto ao segundo setor, de acordo com a documentação (sobretudo inventários) da época, a presença de materiais de uso da mão-de-obra especializada denuncia que existiram fabricações desses materiais. Percorrendo os inventários, vemos que estavam presentes tais implementos. Num desses documentos o inventariante

“(...) declarou haver ficado (...) dous excopos (...) huma serra pequena (...)
oito compassos de latão (...) huma eixó pequena (...) huma veruma, huma
serra de braços, duas eixiós grande, um martelo, huma canastra, huma
caixinha encoirada com sua feixadura, hum banco grande, hum carro,
huma canga, tábuas de cedro e Angelim, huma peça ou carte de xita, hum
roda de moer mandioca, huma mesa velha, três portas e huma feixadura,
hum oratório de madeira, hum vestido de pano, dous calçans, huma malla
de pao coberta de sola com feixadura e mais aseçórios”.⁵

De acordo com os materiais citados, a presença do trabalhador livre especializado na região foi uma realidade. O carpinteiro e o ferreiro parecem ser os trabalhadores qualificados mais presentes. Esses trabalhadores geralmente estavam à disposição para construir, consertar engenhos, casas de farinha, máquinas de descaroçar algodão, etc. A indústria doméstica necessitava desse tipo de mão de obra, pois quase todas as suas engrenagens eram de madeira, e quebravam facilmente.

Quanto ao terceiro setor, Irineu Pinheiro coloca que na região eram freqüentes as atividades de bens manufaturados.

Nos sítios, nas fazendas fiam as mulheres o algodão num fuso composto de um cabo varão de pau d'arco, com um meio palmo de altura, e de uma roda de cera de cinco centímetros de diâmetro, construída de cajazeiras, de cedro ou de gonçallaves.(...) em tempos muito remotos descarçava-se o algodão em maquinismos de madeira, movimentados a braços de homens (...) Vieram depois as bolandeiras puxadas por bois ou burros “⁶.

Do ponto de vista da confecção de roupa, é importante salientar que os habitantes menos abastados da zona rural caririense eram adeptos da indumentária fabricada na região. *“Os cabras do Crato, moradores nos sítios do pé de serra do Araripe e nas terras dos Senhores-de-Engenho, do Brejo, vestiam camisa e ceroula de algodão, tecido nos teares, movidos a pés.”⁷*

Irineu Pinheiro reforça ainda mais essa afirmação; *“há quatro ou cinco décadas passadas, consistia a indumentária desses cabras, exclusivamente, em camisas e ceroulas, esta presa por cadarços à parte da perna. Tudo com algodão da terra”⁸.*

Apesar das grandes possibilidades de crescimento de uma variedade de “indústria”, o setor mais marcante foi à indústria canavieira; com a fabricação da rapadura nos engenhos se originou a principal atividade lucrativa na região, que na atualidade ainda é uma das principais atividades que permanece contribuindo consideravelmente para a receita tributária da localidade.

Sendo a produção praticamente voltada para o consumo doméstico e local, no Cariri, os engenhos iniciaram como uma simples economia de fundo de quintal. As

“engenhocas” de rapadura concentravam-se, sobretudo, no vale do Cariri, onde as terras férteis e a abundância de água permitiam a melhor expansão da cana-de-açúcar.⁹

A economia do Cariri surgiu com essas características; as pequenas indústrias de fundo de quintal, que produziam rapadura, ou outros gêneros, aos poucos se expandiram e extrapolaram as margens do reduto familiar, desaguando em um comércio de maior elasticidade e consistência.

Do ponto de vista da comercialização, os produtos manufaturados foram despejados nas vilas e povoados da região e adjacências. Com esses produtos se abastecia a população rural e urbana. O contingente urbano se abastecia na medida em que eram realizadas as feiras onde era possível adquirir produtos de qualidade a preços bem mais acessíveis.

Os inventários registram uniformemente, por todo período colonial, a presença de animais utilizados no transporte da produção. A análise da relação de bens dos processos permite-nos também perceber algo sobre as condições de vida dos grupos analisados, assim como acerca do papel da sua cultura material.

Com o comércio, as rendas cresciam, as principais vilas tomam força e destaque; a de Crato logo exteriorizou sua opulência e importância, sobretudo no cenário político-jurídico, pois se torna Cabeça de Comarca antes dos anos vinte do século XIX¹⁰. Nessa dinâmica, ao findar-se a primeira metade do referido século, a região já era uma das mais influentes do interior do Ceará.

Noutras vilas que faziam parte da região, a feira foi também o elemento primordial das relações econômicas, políticas e culturais; nelas, diferentes artefatos eram expostos à venda. Era o local de encontro dos mais diferentes grupos humanos provenientes das diversas províncias da vizinhança. Os pontos de encontro eram principalmente os botequins e os cafés, ambientes em que rolavam inúmeros bate papos descontraídos, interrompidos apenas por pessoas cujos ânimos se exaltavam pelo efeito da aguardente.

A feira atraía inúmera contingente; nas de Crato, Barbalha e Icó¹¹, havia uma grande ebulição, movimentavam-se vários grupos humanos em direção a esses locais, cada um revelando sua postura e os papéis que exerciam em sua localidade. Segundo Djacir Menezes:

“As feiras de Icó, Crato e Barbalha reuniram tributários de todos os sertões adjacentes”. Afluíam os cabras, os apaniguados, os guarda-costas dos proprietários abastados. As volantes policiais, as chamadas “forças de linha”, do exército, sob comando de um oficial, passavam desencadeando conflitos, impondo costumes mal aceitos, como fosse o de “passar a fralda”¹²

Nessa época, a economia da região já tinha certo destaque, e, por haver uma população bastante elevada, a preocupação em manter a ordem era uma constante. O Cariri já estava passando da primeira fase de uma economia essencialmente rural para os prenúncios de uma economia urbana: seu comércio a cada instante crescia e mantinha relações com outros centros mais desenvolvidos, dentre eles Recife e Fortaleza, inaugurando assim um novo panorama comercial se inicia para a região.

¹Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri – URCA – CE

² PRADO JUNIOR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.42.

³ PRADO JUNIOR, Caio. Op. Cit., p. 43-44.

⁴ PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. Vaqueiros, Agricultores, Artesãos: Origens do trabalho livre no Ceará Colonial. In. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza: Vol. 20/21. 1989/90

⁵ APEC. Levantamento feito em alguns dos inventários dos anos de; 1791, 1805, 1806, 1849 etc.

⁶ PINHEIRO, Irineu. O Cariri: Seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: 1950.

⁷ MENEZES, Paulo Elpidio. *O Crato do Meu Tempo*. Fortaleza: Coleção Alagadiço Novo, 1985, p.75.

⁸ PINHEIRO, Irineu. Op. Cit., p. 113.

⁹ PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. Op. Cit., p.19.

¹⁰ Em 1816, foi criada a Comarca de Crato que pertencia a de Campo Maior, atual Quixeramobim.

¹¹Obs: até meados da primeira metade do século XVIII, Icó monopolizou as aldeias de Missão Velha e Miranda, mais tarde sua influência comercial foi de extrema importância para o Cariri.

¹² MENEZES, Djacir. O outro Nordeste: ensaios sobre a evolução social e política do Nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais. 3ª edição, Fortaleza: 1995.